

O MÉTODO NA TEORIA MARXISTA E A RENDA DA TERRA¹

Robson Munhoz de OLIVEIRA**

Rosângela Ap. de Medeiros HESPANHOL ***

“Todos os homens devem ter condições
de viver para poder fazer história”

Karl Marx

Resumo: O marxismo é uma denominação que designa a obra teórica desenvolvida por Karl Heinrich Marx e Georg Wilhelm Friedrich Engels e de seus discípulos. A obra marxista é considerada a principal responsável pela mudança nos rumos da economia política, principalmente com a obra *O Capital*, de Marx. Para o aperfeiçoamento da teoria marxista, o referido autor, desenvolveu diversos conceitos e categorias de análises. Dentre elas, optamos por procurar entender a categoria Renda da Terra, uma vez que esta categoria permitiria a articulação entre as discussões estabelecida em aula e a temática de nossa pesquisa relacionada aos estudos agrários na Geografia. Desse modo, a principal justificativa para abordar o conceito de renda da terra estudado sob o ângulo do materialismo histórico-dialético, refere-se ao fato de estar ocorrendo, segundo alguns autores, um quase abandono dessa categoria analítica nos estudos sobre desenvolvimento agrário, devido à perda de importância do setor agropecuário na economia de mercado, sob o comando do capital industrial.

Palavras-chave: marxismo; Marx; metodologia; renda da terra.

¹ O artigo que se segue, busca fazer uma revisão bibliográfica dos textos utilizados na disciplina: “Seminário de Metodologia em Pesquisa” oferecida pelo Curso de Pós-Graduação em Geografia e estabelecer uma articulação com a temática desenvolvida na pesquisa de mestrado sobre estudos agrários.

** Aluno do Curso de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP, Campus de Presidente Prudente. E-mail: geounesp@hotmail.com.

*** Professora dos Cursos de Graduação e de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP e coordenadora do Grupo de Estudos Dinâmica Regional e Agropecuária (GEDRA). E-mail: hespanhol@stetnet.com.br

Resumem: El marxismo es una denominación que designa la obra teórica desarrollada por Karl Heinrich Marx y Georg Wilhelm Friedrich Engels y por sus discípulos. La obra marxista es considerada la principal responsable por la transformación en las direcciones de la economía política, principalmente con la obra *El Capital*, de Marx. Para el perfeccionamiento de la teoría marxista, el referido autor, desarrolló diversos conceptos y categorías de análisis. Entre ellas, optamos abordar la categoría Renta de la Tierra, una vez que esta categoría permitiría la articulación entre las discusiones establecidas en la sala de clase y la temática de nuestra investigación, relacionada a los estudios agrarios en la Geografía. De esta manera, la principal justificativa para abordar el concepto de Renta de la Tierra estudiado bajo el ángulo del materialismo histórico-dialéctico, se refiere al hecho de estar ocurriendo, según algunos autores, un casi abandono de esta categoría analítica en los estudios sobre desarrollo agrario, debido la pérdida de importancia del sector agropecuario en la economía de mercado, bajo el comando del capital industrial.

Palabras clave: marxismo; Marx; metodología; renta de la tierra.

1. INTRODUÇÃO

O artigo que se segue, busca fazer uma revisão bibliográfica dos textos utilizados na disciplina: “Seminário de Metodologia em Pesquisa” oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Unesp, campus de Presidente Prudente e estabelecer uma articulação com a temática desenvolvida na pesquisa de mestrado sobre estudos agrários. Contudo, deve-se ressaltar, que no presente ensaio, apenas foi possível delinear algumas questões. Apesar disso, esperamos que este artigo sirva de esboço para nortear a confecção de um dos sub-capítulos da dissertação de mestrado.

No que tange especificamente as discussões travadas em aula sobre a metodologia em pesquisa, procuramos mostrar como Marx superar seu antecessores como Hegel, com sua dialética idealista que para ele estava de “ponta cabeça” e precisava ser colocada sobre “seus pés”. Isso porque, para Hegel, era a consciência social, ou a idéia, o espírito, que condiciona a vida social, assim negando a vida material da sociedade como o fato dinamizador, responsável por desencadear uma determinada consciência social, como

defendia Marx. O referido autor, não deixa por menos as teses defendidas por Feuerbach e o acusa de ter apenas reinvertido o sistema hegeliano ao invés de tê-la rejeitado e, por isso, escapava a jurisdição da prática, desconhecendo que ela era sua fonte e seu critério. Assim, Feuerbach considerava a natureza abstrata sem laços efetivos com o homem. Por essa razão, para Marx e Engels, esta teoria era ainda menos criteriosa que a de Hegel.

O texto mostra como na teoria marxista, o Materialismo Histórico, busca explicar a história das sociedades humanas e dos sucessivos modos de produção, através dos fatos materiais, que segundo Marx são fundamentalmente econômicos e técnicos. Procura explicitar ainda, a importância do Materialismo Dialético na teoria marxista, uma vez que para esta teoria, a dialética é o meio pelo qual se consegue entender a realidade como o movimento de negação interna, a contradição, onde um ser é a supressão de seu outro, de seu negativo.

Ademais, abordaremos o conceito de renda da terra estudado sob o ângulo do materialismo histórico-dialético. Tendo em vista que a categoria renda da terra já foi considerada importante e que na atualidade sua importância tem sido menosprezada para se entender o setor agrário, optamos por retomá-la discutido-a em seus tipos clássicos: renda diferencial e absoluta.

2. CONCEPÇÃO SOBRE A TEORIA MARXISTA

A obra teórica de Karl Marx intitulada *O Capital*, considera o capitalismo um modo de produção transitória, sujeito a crises econômicas cíclicas e que, por efeito do agravamento de suas contradições internas, deverá sucumbir, cedendo lugar a um outro modo de produção, o socialismo, o que ocorrerá pela via da revolução social. O socialismo científico, que está consubstanciado na teoria política marxista, considera que a luta de classes é o motor pujante da história humana e que o Estado é um órgão que está sempre a serviço da classe dominante, e que, por essa razão cabe a classe operária, como classe revolucionária da vanguarda, lutar pela dominação do Estado, implementando a ditadura do proletariado.

O marxismo é:

[...] um movimento político que combina prática revolucionária com uma teoria social radical e abrangente. Responde a três correntes da filosofia: ao aristotelismo, ao materialismo da revolução científica e do Iluminismo e à dialética de Hegel.

Mas embora assimile elementos-chaves dessas filosofias, transforma-as em um corpo teórico que se coloca em oposição à filosofia burguesa. Para o marxismo, a filosofia burguesa é **ideologia burguesa** (grifo da autora) (CHAUÍ, 1994, p. 39).

A ciência marxista é uma ciência do ponto de vista da classe operária que, parte da realidade concreta, é unificada e contraditória. Assim, desencadeada por suas contradições internas, desencadeia um processo evolucionário e revolucionário, de ininterrupta transformação histórica.

Chauí (1994, p. 39) argumenta que sendo contraditória,

[...] a realidade só pode ser explicada com exatidão por meio de proposições contraditórias, exigindo, em consequência, uma **lógica dialética** especial que supera a **lógica formal** e seu princípio de não-contradição. Desta perspectiva, o materialismo concebe matéria e espírito como opostos entre si dentro de uma unidade onde a matéria desempenha o papel principal.

A unidade da estrutura social é contraditória, possui uma estrutura contraditória, tendo por base o contraditório Modo de Produção Capitalista. Sob pressão dessas contradições, a sociedade vive um processo de mudança que leva a uma situação revolucionária.

A autora destaca ainda que, para Marx, a teoria científica deve penetrar a superfície empírica da realidade e descobrir as “relações reais” as estruturas e forças subjacentes, que engendram essas “formas fenomênicas” e os rumos da história. Nesta perspectiva não se deve reduzir os conceitos teóricos da ciência a conceitos observáveis, como se fazem os empiristas, nem são construções subjetivas impostas à realidade pelos teóricos como fazem os idealistas. “[..] Tais conceitos descrevem de forma mais ou menos precisa, aspectos não observáveis da realidade (material).”

2.1. O MATERIALISMO HISTÓRICO

Na teoria marxista, o materialismo histórico objetiva explicar a história das sociedades humanas, através dos fatos materiais, essencialmente econômicos e técnicos. Nesta perspectiva, o materialismo histórico, pode ser entendido como a parte da concepção marxista que trata dos modos de

produção, de seus elementos constituintes e determinantes, de sua gênese, da transição e da sucessão de um modo de produção a outro. Não diz respeito apenas ao modo de produção capitalista, mas a todos os modos de produção historicamente determinados: como o das comunidades primitivas, da Antiguidade, da escravidão, do feudalismo, do capitalismo e do socialismo.

Harnecker (1972, p.28) sublinha que quando se fala de teoria marxista da história, isto é, do materialismo histórico:

[...] se está hablando de un cuerpo de conceptos abstractos que sirven a los trabajadores intelectuales como **instrumento** para analizar, en forma científica, las diferentes formaciones sociales.

Em seu entendimento, o corpo de conceitos do materialismo histórico constitui-se em forças produtiva, relações sociais de produção, determinações, infraestrutura, superestrutura, estrutura ideológica, estrutura jurídica-política, modo de produção, formação social.

Konstantinov (1957, p. 01 e 02), ao tratar do objeto do materialismo histórico, registra que este é responsável por investigar as leis gerais do processo histórico, características que as difere do propósito das ciências espacial e da história política.

O materialismo histórico:

[...] no é um esquema, não es um conjunto de teseis o princípios abstratos que baste con aprenderse de memória; es, por el contrario, una teoría social perennemente viva y em constante desarrollo creador y, a la par com ello, um **método** para el conocimiento da la vida social y una guía para la acción. (Ibid, 1957, p. 52)

Para o autor supra-citado, a ciência social e histórica pré-marxista fundamentava-se estrita e **absolutamente** no modelo idealista. Isso para não falar do:

[...] idealismo filosófico y de la religión imperante en la sociedad capitalista, hasta los pensadores que en su tiempo ocupaban una posición avanzada, como los materialistas ingleses y franceses de los siglos XVIII o el materialista alemán de los años cuarenta del siglo XVIII, Ludwig

Feuerbach, seguían abrazando los puntos de vista de idealismo, cuando se trataba de explicar los fenómenos de la vida social, la historia de la sociedad. Teólogos y filósofos idealista, sociólogos e historiadores burgueses, todos los ideólogos de la aristocracia feudal y de la grande y la pequeña burguesía, veían en la conciencia, la razón, la ideas políticas, morales, religiosas y la demás ideas y principios, la fuerza motriz fundamental y determinante en la desarrollo de la sociedad.

Deste modo, para os idealistas não é a existência social, ou, não é a vida material da sociedade o fator dinamizador que resulta em uma determinada consciência social, mas, ao contrário, é a consciência social, ou, a idéia, o espírito, que condiciona a vida social. Em outros termos, pode-se afirmar que os idealistas se detêm na aparência dos fenômenos sociais, atendo-se assim, a superficialidade dos processos históricos, sem penetrar no seu âmago, na sua essência explicativa, não desvendando as causas materiais dos fenômenos estudados.

Ainda se deve destacar, que a sociologia e a historiografia pré-marxista tinha como característica imanente o desprezo para com o papel decisivo das massas populares na história da humanidade, reduzindo-a à história dos grandes homens, dos imperadores, dos reis, entre outros. Assim, os ideólogos burgueses, exprimindo os interesses de suas classes sociais, faziam desorientar as massas populares pela via do engodo idealista.

Ao se pronunciar a esse respeito Konstantinov (1957, p. 06) destaca que a ideologia burguesa, ao pintar em suas análises:

[...] um cuadro deformado de la vida social, una imagen invertida de la realidad, de la miséria y las calamidades em que se debaten los trabajadores de los países capitalistas. Manifestándose en contra de la lucha de clase del proletariado por cambiar las condiciones económicas y política de vida de la sociedad.

Os idealistas se empenham em suas análises para mostrar à sociedade subalterna, a exequibilidade da transformação por meio da perfeição moral. Nesta perspectiva, os idealistas servem a classe opressora, uma vez que condenam a passividade política as forças progressiva da classe proletária.

Por seu turno o:

[...] modo dialéctico-materialista de abordar el estudio de la sociedad permite comprender los fenómenos sociales en sus nexos internos y en su interdependencia, en su dinámica y desarrollo contradictorios. El materialismo histórico permite comprender la historia de la humanidad como un proceso de desarrollo progresivo y de avance, (...) a través de una serie de contradicciones que surgen y se resuelven por medio de la lucha de las fuerzas sociales nuevas y avanzadas contra las fuerzas viejas, reaccionarias y caducas, por medio de las revoluciones sociales. (HARNECKER, 1972, p. 09).

Conforme nos ensina Garaudy (1964), diferentemente de como procedeu Feuerbach, Marx não apenas reinverteu o sistema hegeliano, ele decididamente o rejeitou, não conservando tal qual o método hegeliano, ele o reinverteu, diga-se a propósito, não permaneceu na etapa de Feuerbach.

O marxismo não é um hegelianismo naturalizado que se contenta em dizer 'matéria' lá onde Hegel diz 'espírito', e de empresta a essa matéria as leis dialéticas imutáveis que Hegel atribuía ao espírito. [...] Expôr o materialismo marxista sem partir da prática significa inevitavelmente expô-la de uma maneira não-dialética e voltar a uma concepção pré-marxista, dogmática, da filosofia (p. 86 e 87).

Cabe ressaltar que Marx e Engels disseram repetidas vezes, que a tese de Feuerbach era "infinitamente mais pobre" que a de Hegel.

Todo materialismo passado não partiria da tomada de consciência do lado ativo do conhecimento, da humanização da natureza atual, ao contrário, mas das coisas fazendo abstração do homem. Por esta razão pode-se classificá-lo como um materialismo pré-crítico. A grande contribuição do materialismo marxista é não abordar a questão como se Kant, Fichte e Hegel não houvessem existido.

O materialismo até então existente, de Demócrito a Gassendi e de La Mettrie a Feuerbach, pretendendo escapar à jurisdição da prática, desconhecendo que ela era sua fonte e seu critério, colocava uma natureza abstrata sem laços com o homem, sua prática e sua atividade cognitiva (GARAUDY, 1964, p.89).

Marx em *Neue Thesen über Feuerbach* acusa o materialismo de Feuerbach de "não conceber o mundo material como atividade prática" (MARX apud GARAUDY, 1964, p.90), Dizia Marx em *A ideologia Alemã*:

Ele não vê, que o mundo sensível que o cerca não é um objeto dado diretamente para toda a eternidade e sempre semelhante a si mesmo, mas o produto da indústria e do estado da sociedade, e isso no sentido de que é **um produto histórico**, o resultado da atividade de toda uma série de gerações.

E continua dizendo que Feuerbach, assim como todos os materialistas precedentes,

[...] não chega jamais a compreender o mundo sensível como a soma da **atividade viva e física** dos indivíduos que a compõem [...] nele a história e o materialismo estão completamente separados (MARX apud GARAUDY, 1964, p. 90).

Conforme argumenta Garaudy (1964, p.74) em sua obra intitulada *Karl Marx*,

[...] a crítica filosófica alemã limitara-se até então à crítica da religião, lutando assim unicamente contra as ilusões da consciência, sem lutar contra a ordem real do mundo, o que resultava não em mudar o mundo mas em deixa-lo tal como estava, mundo apenas a idéia que dele se tinha.

Na concepção materialista histórica se parte da existência e da prática real do homem para apreender sua consciência e seu pensamento, ao passo que, a filosofia alemã pré-marxista, isto está de ponta cabeça, ou seja, se parte da consciência e do pensamento do homem para explicar sua vida.

No dizer de Marx em O dezoito Brumário de Luís Bonaparte:

Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem arbitrariamente, em condições escolhidas por eles, mas em condições diretamente dadas e herdadas do passado (MARX apud GARAUDY, 1964, p.74).

Nas palavras de Sandroni (1994, p. 210): “A tese central do materialismo histórico é a de que o ser social determina a consciência social [...]”. Em outras palavras, segundo esse autor, a atividade produtiva, isto é, a relação

sociedade é a natureza, a qual se dá por meio do trabalho humano, constitui-se no alicerce de toda organização social. Neste sentido, o sistema econômico, forma a base sobre a qual se erige o edifício da sociedade. Nesta perspectiva as relações sociais de produção (formas de propriedade dos meios de produção, classes sociais e as relações entre elas) constituem o fundamento das instituições jurídicas e políticas (Estado) e das ideologias ou formas de consciência social (costumes, artes, religião).

Noutras palavras, a sociedade é comparada por Marx a um edifício, no qual as fundações, a infra-estrutura, seriam representadas pelas forças econômicas, enquanto o edifício em si, a superestrutura, representaria as idéias, costumes, instituições políticas, religiosas, jurídicas, etc. Marx destacou, na obra *A Miséria da filosofia* (1847), na qual estabelece polêmica com Proudhon, a seguinte afirmação:

As relações sociais são inteiramente interligadas às forças produtivas. Adquirindo novas forças produtivas, os homens modificam o seu modo de produção, a maneira de ganhar a vida, modificam todas as relações sociais. O moinho a braços vos dará a sociedade com o suserano; o moinho a vapor, a sociedade com o capitalismo industrial (GARAUDY, 1964, p. 89).

Segundo Marx, cada modo de produção gera uma superestrutura que lhe é correspondente e que não é mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes. Neste sentido Marx e Engels afirmavam que as idéias dominantes são, em todas as épocas, as idéias das classes dominantes, isso porque esta classe dispõe dos meios de produção material e, por conseguinte, ao mesmo tempo, dos meios de produção intelectual.

Tal afirmação, defendendo rigoroso determinismo econômico em todas as sociedades humanas, foi estabelecida por Marx e Engels dentro do permanente clima de polêmica que mantiveram com seus opositores, e atenuada com a afirmativa de que existe constante interação e interdependência entre os dois níveis que compõe a estrutura social: da mesma maneira pela qual a infra-estrutura atua sobre a superestrutura, sobre os reflexos desta, não obstante, em última instância, sejam os fatores econômicos as condições finalmente determinantes.

Apesar da predominância do econômico sobre a superestrutura, essa relação não se dá de forma mecânica, como um simples reflexo. Os diversos níveis da superestrutura influem também sobre a base, numa articulação dialética. O mundo da política e o da ideologia possuem sua especificidade e leis próprias de desenvolvimento, que lhes proporcionam uma autonomia relativa para com o mundo da economia (SANDRONI, 1994, p. 211).

A esse respeito, dizia Engels:

A economia não cria nada diretamente, mas apenas determina o tipo de modificações da matéria intelectual existente e 'faz' isso de forma indireta, pois são os reflexos políticos, jurídicos e morais os que exercem uma ação mais direta sobre a filosofia (ENGELS apud SANDRONI, 1994, p. 211).

O desenvolvimento histórico (sucessão e descontinuidade) dos diversos modos de produção, ocorre, segundo o marxismo, como um processo objetivo, o qual é determinado pelo antagonismo entre as forças produtivas e as relações de produção. Deste modo, o antagonismo se manifesta no plano social como luta de classes. Fundamentado por esse raciocínio Marx e Engels afirmaram em seu *Manifesto del partido comunista*:

La historia de todas las sociedades hasta nuestros días es la historia de las luchas de clases.

Hombres libres y esclavos, patricios y plebeyos, señores y siervos, maestros y oficiales, en una palabra: opresores y oprimidos se enfrentaron siempre, mantuvieron una lucha constante, velada unas veces y otras franca y abierta; lucha que terminó siempre con la transformación revolucionaria de toda la sociedad o el hundimiento de las clases en pugna.

[...]La moderna sociedad burguesa, que ha salido de entre las ruinas de la sociedad feudal, no ha abolido las contradicciones de clase. Únicamente ha sustituido las viejas clases, las viejas condiciones de opresión, las viejas formas de lucha por otras nuevas (1999, p. 32 e 33).

Nessa perspectiva podemos afirmar, que para o materialismo histórico, as transformações histórico-sociais e as revoluções são resultado direto da participação ativa das massas trabalhadoras, e portanto, não resultam, como se

pode imaginar, da ação de grandes personalidades como afirmava o idealismo hegeliano. A dialética desse antagonismo é o motor da história humana.

Nas palavras de Marx, em sua obra A ideologia alemã, a:

[...] contradição entre as forças produtiva e a forma das relações. [...] teve de ser rompida, sempre por uma revolução, tomando ao mesmo tempo diversas formas acessórias. [...] colisões de diferentes classes, contradições da consciência, luta ideológica, luta política, etc (MARX apud GARAUDY,1964,p.77).

A própria consciência é um produto da sociedade, pois são os próprios homens que engendram suas idéias filosóficas, políticas, religiosas, estéticas, do mesmo modo como produzem seus meios de existência e suas relações sociais.

Na perspectiva do materialismo histórico o próprio Marx afirma em A ideologia alemã:

O comunismo não é para nós um ideal a partir do qual a realidade se deva regular. Nós chamamos comunismo o movimento real que abole o estado atual. As condições desse movimento resultam das bases atualmente existentes (MARX apud GARAUDY, 1964, p. 80 e 81) (grifo do autor).

Dando continuidade, Garaudy expressa a,

A necessidade da revolução comunista não é senão um caso particular da aplicação da lei de correspondência necessária entre as relações de produção e o estado das forças produtivas. Essa revolução é necessária porque, na etapa atual do progresso das técnicas e da organização econômica, as relações de produção, o regime capitalista da propriedade, tornaram-se um entrave ao desenvolvimento das forças produtivas: a esse grau de socialização da produção a forma privada de apropriação é um anacronismo gerador de catástrofes (1964, p. 81).

Em outros termos, na concepção marxista, esse foi o mecanismo que impulsionou a sucessão entre os diversos modos de produção. Deve-se ressaltar, que apesar das mudanças ocorridas de um modo de produção para

outro, todas as estruturas sociais extintas geraram sempre novas formas de exploração das massas trabalhadoras por uma nova classe dominante proprietária, uma vez que estes não foram expropriados da posse dos meios de produção.

Ressalta-se ainda, que para a concepção marxista, o modo de produção capitalista seria o último modo de produção baseado na existência de classes, das contradições entre elas. Sua extinção era obra do proletariado revolucionário, que instauraria seu próprio poder (a ditadura do proletariado) e edificaria uma sociedade baseada na propriedade coletiva dos meios de produção.

2.2. O MATERIALISMO DIALÉTICO

Baseado em Demócrito e Epicuro sobre o materialismo e em Heráclito sobre a dialética, Marx defende o materialismo dialético, tentando superar o pensamento de Hegel e Feuerbach. Segundo o pensamento hegeliano,

Segundo Bottomore (1994) o pensamento hegeliano, não existe outra maneira senão através da dialética para alcançar a realidade e a verdade como movimento interno da contradição. A contradição resulta da negação interna, sendo equivocado afirmar que a contradição se encontra entre pares de termos positivos opostos: Natureza e Cultura, por exemplo.

[...] A contradição revela um sujeito que surge, se manifesta, e se transforma graças à contradição de seus predicados, tornando-se outro do que ela era pela negação interna de seus predicados.

A negação interna a qual se refere o Hegel é aquela na qual um ser é a definitiva superação de seu negativo. Para o hegelianos, o Espírito negou-se como Natureza e afirmou-se como Cultura. Em outros termos, negou-se como ser-em-si, tornando-se ser-para-si. Nesta linha de raciocínio não é correto afirmar que a negação dialética e a destruição empírica ou material de coisas empíricas ou materiais, mas sim a supressão de seu sentido imediato que é superado por um sentido posto pelo próprio espírito. Desse modo, concluía-se que só existia o Espírito, sendo a Natureza é uma manifestação do próprio Espírito, ou uma exteriorização do Espírito. Nesta perspectiva a Cultura também passa a ser uma exteriorização do Espírito.

[...] Ambos são reunidos e reconciliados na interiorização do próprio Espírito, quando este se reconhece como interioridade que se manifestou externamente como Natureza e Cultura.

No hegelianismo entende-se por História o movimento pelo qual o Espírito se exterioriza como Natureza e Cultura e pelo qual retorna a si mesmo como interioridade de ambas.

Em suma, a dialética hegeliana era a dialética do idealismo (doutrina filosófica que nega a realidade individual das coisas distintas do “eu” e só lhes admite a idéia). Por seu turno, a dialética do materialismo é posição filosófica que considera a matéria como a única realidade e que nega a existência da alma, de outra vida e de Deus. Ambas sustentam que realidade e pensamento são a mesma coisa: as leis do pensamento são as leis da realidade. A realidade é contraditória, mas a contradição supera-se na síntese que é a “verdade” dos momentos superados.

Hegel apresentava uma filosofia que procurava demonstrar a perfeição do que existia (divinização da estrutura vigente). Marx apresentava uma filosofia revolucionária que procurava demonstrar as contradições internas da sociedade de classes e as exigências de superação.

Marx argumentava que em Hegel, a dialética estava, por assim dizer, de cabeça para baixo. Decidiu, pois, colocá-la sobre seus próprios pés (KONDER, 1982).

Segundo nos ensina Garaudy (1964, p.101), o materialismo inglês e o materialismo francês do século XVIII, considerado pelo marxismo, acrítico, inapto na apreensão do real, deixa a dialética em um lugar subalterno. Isso porque sua concepção da matéria era pobre, abstrata. . Dentre as propriedades inerentes à matéria, escreve Marx, “[...]o movimento é a primeira e mais profunda, não apenas enquanto movimento mecânico ou matemático, mas ainda como instinto, espírito vital [...]” (MARX apud GARAUDY, 1964, p. 101) (o grifo é nosso).

Para Garaudy (1964, p.101) o único método para se integrar ao pensamento racional o devir e as contradições que são seu motor e a dialética. Por essa razão, a dialética não pode, na forma materialista como apresentada em Marx, permanecer, tal qual se apresentava em Hegel. Marx não conservou o método hegeliano, mas ele o reinverteu, sendo considerado o primado da prática é a chave de tal inversão.

Simplesmente reverter “a prisão da idéia hegeliana”, como diz Marx, não bastaria. Invertê-la ainda era permanecer dentro. O caminho para rompê-la e penetrar no mundo real, onde continuam a nascer realidades inéditas², assim não entrando na totalidade acabada da Idéia hegeliana.

Ludwig Feuerbach, à semelhança de Marx, procurou introduzir a dialética materialista, combatendo a doutrina hegeliana, que, a par de seu método revolucionário, concluía por uma doutrina eminentemente conservadora. Da crítica à dialética idealista, partiu Feuerbach à crítica da religião e da essência do cristianismo. Feuerbach pretendia trazer a religião do céu para a Terra. Ao invés de haver Deus criando o homem à sua imagem e semelhança, foi o homem que criou Deus à sua imagem. Seu objetivo era conservar intactos os valores morais em uma religião da humanidade, na qual o homem seria Deus para o homem.

Adotando a dialética hegeliana, Marx, rejeita, assim como Feuerbach, o idealismo, mas, ao contrário, não procura preservar os valores do cristianismo. Hegel tinha identificado, no dizer de Radbruch, *o ser e o deve-ser*, encarando a realidade como um desenvolvimento da razão e vendo no deve-ser o aspecto determinante e no ser o aspecto determinado dessa unidade. A dialética marxista postula que as leis do pensamento correspondem às leis da realidade. A dialética não é só pensamento: é pensamento e realidade a um só tempo. Mas, a matéria e seu conteúdo histórico ditam a dialética do marxismo.

A contradição dialética não é apenas contradição externa, mas unidade das contradições:

[...] a dialética é ciência que mostra como as contradições podem ser concretamente (isto é, vir-a-ser) idênticas, como passam uma na outra, mostrando também porque a razão não deve tomar essas contradições como coisas mortas, petrificadas, mas como coisas vivas, móveis, lutando uma contra a outra em e através de sua luta. (LEFEBVRE, 1979, p. 192).

Os momentos contraditórios são situados na história com sua parcela de verdade, mas também de erro. Eles não se misturam, mas o conteúdo, considerado como unilateral é recaptado e elevado em nível superior.

Cabe ressaltar ainda que Marx acusou Feuerbach, afirmando que seu humanismo e sua dialética eram estáticas: o homem de Feuerbach não tem dimensões, está fora da sociedade e da história, é pura abstração.

A dialética apregoa os seguintes princípios: tudo se relaciona (Lei da ação recíproca e da conexão universal); tudo se transforma (Lei da transformação universal e do desenvolvimento incessante); as mudanças qualitativas são conseqüências de revoluções quantitativas; a contradição é interna, mas os contrários se unem num momento posterior: a luta dos contrários é o motor do pensamento e da realidade; a materialidade do mundo; a anterioridade da matéria em relação à consciência; a vida espiritual da sociedade como reflexo da vida material.

3. O CONCEITO DE RENDA DA TERRA ESTUDADO SOB O ÂNGULO DO MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO

Desde a Escola Clássica a categoria econômica “renda da terra” tem sido considerada relevante na história do pensamento econômico. Todavia, observa-se que ocorre um quase abandono dessa categoria analítica apropriada nos estudos sobre desenvolvimento agrário, por parte da história do pensamento econômico contemporâneo. A razão explicativa para tal fato, segundo alguns autores, reside na relativa perda de importância do setor agropecuário na economia de mercado, sob a égide hegemônica do setor industrial (MORAES, 1980). Parece-nos que tal afirmação também pode ser aplicada às ciências geográficas como uma assertiva, uma vez que esta ciência tem andado de mão dadas na análise do campo brasileiro com a ciência econômica, e do mesmo modo, desprezado a categoria renda da terra.

A esse respeito Moraes (1980) escreve a terra é em um fator de produção especial e que sua característica peculiar é o fato de ela **não ser um fruto do trabalho humano, não podendo ser um bem reproduzido**, portanto sendo um meio de produção limitado que **não pode ser multiplicado como o capital e o trabalho**.

Dentro dessa concepção, o elemento terra impõe toda uma especificidade própria às atividades econômicas que estejam nela alicerçadas, como é o caso da agricultura, que deve ser estudada sob pena de, ao empreender-se um determinado estudo referente a esse setor produtivo, não se considerar características essenciais extremamente necessárias para o seu completo entendimento (o grifo é nosso).

É neste momento que aqui cabe destacar, que faremos uma revisão da renda da terra na perspectiva marxista, haja vista que Marx é considerado, um marco no estudo deste conceito. Deve ser frisado ainda que a categoria renda da terra recebeu excepcional relevo em sua obra. Ademais, não deve deixar de ser lembrado, o fato de Marx, ter se fundamentado na teoria sobre a renda da terra de David Ricardo, existindo, aliás, um caráter de continuidade entre ambos os conceitos. Revela-se digno de nota, todavia, o avanço no conceito de renda da terra formulado por Marx. (MORAES, 1980).

É importante sublinhar ainda a ressalva feita pelo autor acima citado no que toca ao objetivo da renda da terra no contexto da teoria marxista: “O que se identifica em primeiro lugar é que o objetivo específico de Marx é o estudo do movimento do capital, na medida em que o identifica como a potência econômica principal).” Sendo assim, o movimento do capital constitui-se em ponto de partida e de chegada na análise de determinada categoria econômica, sendo este o caso da categoria aqui analisada.

3.1. O CONCEITO DE RENDA DIFERENCIAL EM MARX

O grande mérito de David Ricardo, destacado por Marx, foi o fato de ele ter convertido a teoria da renda da terra em um dos pilares mais importantes no sistema da economia política, e simultaneamente ter renovado a importância teórica dessa categoria.

A existência da propriedade privada da terra constitui-se na principal hipótese da qual Marx parte para as elucubrações sobre o conceito de renda da terra (tanto a renda diferencial como a absoluta), mas o papel que esta representará para as duas formulações é substancialmente diferente.

Lenz afirma que:

[...] o preço regulador do mercado, ou o preço de produção do mercado, se determina, não pelo tempo de trabalho necessário a um produtor individual [...] mas pelo tempo de trabalho socialmente necessário, isto é, pelo tempo de trabalho exigido para produzir nas condições sociais médias de produção.

Em face dessa hipótese, a questão que se coloca é de como pode surgir uma renda na venda desses produtos geradores da renda diferencial? Para Marx, a explicação reside no fato de alguns produtores produzirem em

condições excepcionais, tais como uma grande fertilidade ou localização privilegiada das terras. Desse modo, a produtividades de tais terrenos são superiores aos terrenos em condições médias, o que lhes permite obter um lucro suplementar, o qual se metamorfoseará em renda diferencial.

De acordo com Oliveira (1985, p.94):

[...] sob o modo capitalista de produção é o preço de produção (custo + lucro médio) do pior solo (aquele que não dá renda) o preço regulador do mercado.

Assim, a **renda da terra diferencial** decorre da diferença entre o preço individual de produção do capital particular que dispões de uma força natural monopolizada e o preço de produção do capital empregado no conjunto do ramo de atividade considerado (o grifo é do autor).

Mas, não é o lucro suplementar por si só, gerado nas condições descritas acima em um ramo dado da produção que explicará a sua permanência dentro do mesmo, isso porque diversos outros ramos industriais também operam em condições naturais mais vantajosas. Neste caso, no entanto, este lucro suplementar não se manterá ao longo do tempo, haja vista que a concorrência existente entre os capitais o eliminará, ou seja, quando a aplicação individual desse capital, que gera o lucro suplementar é adotada por outros capitalistas esse lucro é suprimido.

Cabe destacar ainda outra peculiaridade na agricultura expressa por Martins (1981, p.159) onde este autor distingue terra e capital:

No campo, um instrumento fundamental de produção é a terra. Nas análises feitas no Brasil a respeito da expansão capitalista no campo, com umas poucas exceções, a terra é erroneamente considerada capital. Afinal ela é comprada com dinheiro e é utilizada como instrumento para explorar a força de trabalho do trabalhador. Ela opera, portanto, como se fosse capital. Mas o que é o capital? [...] o capital é o trabalho cumulado pelo capitalista, sob a forma de meio de produção [...] não obstante produzidos pelo trabalho e não pelo próprio capital, que serve como meios [...]. Portanto, o capital é produto do trabalho assalariado. Já a terra não é produto nem do trabalho assalariado nem de nenhuma outra forma de trabalho. É um bem natural, finito, que não pode ser reproduzido, não pode se criado pelo trabalho.

Conseqüentemente, o que vai dar peculiaridade à agricultura, diferenciando-a dos demais ramos produtivos é a existência da propriedade privada da terra, e o seu monopólio por um segmento da sociedade. Os proprietários de determinada porção do globo terrestre apropriam-se do valor gerado como renda diferencial, em forma de pagamento pela permissão de utilização de sua terra concedida ao capitalista arrendatário.

Sendo assim, de acordo com Marx, na condição hipotética da não existência da propriedade privada, a renda fundiária se constituiria em lucro para o capitalista arrendatário. Todavia, o lucro suplementar se transforma em renda fundiária, justamente por não decorrer do próprio capital, mas das condições naturais peculiares daquela parte do globo (fertilidade ou localização favoráveis, por exemplo), portanto separáveis do capital e monopolizáveis.

3.2. O CONCEITO DE RENDA ABSOLUTA EM MARX

Segundo Lenz (1980) na construção da renda da terra absoluta, Marx parte da teoria ricardiana da renda da terra, segundo a qual a renda sempre se caracteriza como diferencial. Nesta perspectiva de análise, um terreno homogêneo isoladamente (isto é, que não possui vantagens, de fertilidade ou de localização, por exemplo) não geraria renda. Tal perspectiva implica na negação da renda absoluta, observa Marx que:

É exatamente do questionamento dessa tese que parte Marx; de como a pior terra pode ser arrendada, se ela pela teoria da renda diferencial não gera renda. A questão que ele coloca é que por essa teoria a condição necessária e suficiente para a aplicação do capital no pior solo é que o preço de mercado atinja o nível do preço de produção corrente, obtendo o arrendatário assim o lucro médio normal (LENZ, 1980).

Essa situação seria plausível dentro da ótica do arrendatário, que está norteadada pela racionalidade capitalista, porém não encontra respaldo do ponto de visto do proprietário de terra. Isso porque, para este o emprego do capital no pior tipo de solo tem que gerar necessariamente uma renda, e não apenas do lucro médio, sendo essa a condição para que ele a coloque para produzir.

No que tange a este tipo de renda Oliveira (1985, p.94 - 95) se expressa da seguinte forma:

[...] a **renda da terra absoluta**, é aquela que resulta do monopólio da terra por uma classe ou fração de classe, e desapareceria caso as terras fossem nacionalizadas. Assim, a **renda da terra absoluta é resultante da elevação dos preços dos gêneros alimentícios acima do preço de produção desses gêneros**, principalmente por ação dos monopólios. Isto por que os proprietários fundiários só permitem a utilização de suas terras quando os preços de mercado ultrapassam os seus preços de produção. Dessa forma obtêm um lucro extraordinário, que ao contrário da renda diferencial não é fração do trabalho excedente dos trabalhadores daquela terra em particular, mas sim fração da massa de mais-valia global dos trabalhadores em geral da sociedade. Um verdadeiro tributo que a sociedade inteira paga aos proprietários de terra (o grifo é nosso).

Assim, escreve Lenz (1980, p. 59):

[...] a existência da renda da terra no pior solo não pode advir da diferença de fertilidade natural ou do trabalho, mas está ligada diretamente à existência da propriedade privada do solo, sendo essa renda conceituada como **renda absoluta** (o grifo é nosso).

Aqui é momento de salientar a relação existente entre propriedade fundiária e a renda da terra de caráter diferencial e absoluta. Em relação à renda de caráter diferencial, a propriedade privada da terra possibilita que o lucro suplementar seja transferido do arrendatário capitalista para o proprietário da terra, em outros termos, a renda suplementar, gerada pela condição diferenciada do solo é transferida das mãos de um agente para outro.

Com relação à **renda absoluta**, podemos afirmar que o fato de o pior solo não ser cultivado enquanto não produzir um excedente sobre o preço de produção que proporciona apenas o lucro médio normal, mas que gere uma renda ao seu proprietário, faz com que *a existência da propriedade privada da terra* seja o elemento causador do aumento dos preços da mercadoria, aumento o qual possibilitará a realização da renda da terra absoluta. Dito de outra forma, a **renda absoluta tem como causa primeira a propriedade da terra**.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se pode concluir do presente estudo, é que Marx deu uma grande contribuição ao desenvolver um corpo teórico sólido e inovador, dado que colocou em xeque os diferentes métodos, até então amplamente utilizados para se entender a realidade. Segundo sua teoria, a realidade só pode ser explicada com exatidão por meio de proposições contraditórias, uma vez que a explicação demanda uma Lógica Dialética que suplante a Lógica Formal, pois esta não contém o elemento essencial: a contradição.

Assim, foi sob esta perspectiva que Marx analisou a realidade agrária de sua época lançando mão do conceito Renda da Terra. Para isso, Marx partiu da *prática real do homem* (a atividade agrícola e as relações sociais de produção no campo) para *apreender sua consciência e seu pensamento*. Na teoria marxista, o conceito de Renda da Terra é importante porque, segundo ela, a forma como se dá a relação Sociedade-Natureza, ou seja, a atividade material, produtiva, a qual é realizada através das técnicas por meio do trabalho humano, determina a consciência social. O sistema econômico, incluindo o setor agropecuário, é a base, a infraestrutura, sobre a qual se erige todo o edifício social, a superestrutura. Sob essa ótica, o fato de a terra impor especificidade a todas atividades humanas que estejam nela alicerçadas, como é o caso da agricultura, utilizá-la se faz de fundamental importância, não apenas para se compreender o setor agropecuário, com para se entender o funcionamento de todo o sistema capitalista, o que inequivocamente foi o objetivo de Marx ao desenvolver o conceito Renda da Terra.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1994.
- GARAUDY, Roger. **Karl Marx**, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1964, 239 p.
- HARNECKER, Marta. El materialismo histórico: una teoría científica. In: **El capital: conceptos fundamentales**. Buenos Aires: Siglo XXI Argentina, p.27 – 29, 1972.
- CONDER, Leandro. **O que é dialética**. São Paulo: Brasiliense, 5º ed. 1982, p.87.

KONSTANTINOV, F. V. La ciencia del materialismo histórico: objeto del materialismo histórico. In: _____ **El materialismo histórico**: México: Grijalbo, p.01 a 02, 1957.

_____. La creación del materialismo histórico, la más grandiosa revolución operada en la ciencia. In KONSTANTINOV, F. V. **El materialismo histórico**: México: Grijalbo, p. 03 a 10, 1957.

LEFEBVRE, Henri. **Lógica formal/ Lógica dialéctica**. Trad. Carlos N. Coutinho, 1979, p. 192.

LENS, Maria Heloisa. **A categoria econômica renda da terra**. Porto Alegre (dissertação de mestrado) Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas (IEPE), 1980, p.134.

MARTINS, José de Souza. A sujeição da renda da terra ao capital e novo sentido da luta pela reforma agrária. In: _____ **Os camponeses e a política no Brasil**. Petrópolis: Vozes, p. 151-177. 1981.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifiesto del partido comunista**. Santiago: Centro Gráfico, 1999, p. 89.

OLIVEIRA, Ariovaldo U. **Renda da terra**: São Paulo, Revista USP, p. 94 – 95, 1985.

SANDRONI, Paulo. **Novo dicionário de economia**. São Paulo: Best Seller 1994, p. 375.

Notas

¹ À época, especialmente, a ascensão do movimento operário e suas lutas, à exemplo do cartismo na Inglaterra, insurreição dos tecelões de seda de Lyon na França, e revolta dos tecelões da Silésia na Alemanha.

Recebido para publicação em 31 de março de 2003.